

THERAPEUTICA

DISCURSO DO SR. PROFESSOR CUNHA VIANNA SOBRE
A ARAROBA, PÓ DE GOA E PÓ DA BAHIA

Durante a ultima interrupção da *Gazeta Medica* publicou um dos nossos collegas da redacção algumas informações sobre a *araroba*, medicamento popular brasileiro, e sobre a sua identidade com o celebrado *pó de Goa* e o *pó da Bahia*, que se vendem por alto preço nas colonias inglezas e francezas das Indias Orientaes, onde gozam ha longos annos de grande reputação na cura de varias affecções herpeticas. Essas notas, originariamente insertas no *Medical Times & Gazette* (de 6 de Março de 1875) a proposito de um artigo do Dr. hoje Sir. Joseph Fayrer, sobre o *Goa Powder*, foram reproduzidas no *Gorreio Medico* de Lisboa, e na *Revista Medica* do Rio de Janeiro. Agora, porém, deparamos com um notavel discurso sobre o mesmo assumpto proferido pelo Sr. professor Cunha Vianna em sessão da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, de 8 d'Abril do corrente anno, e publicado no *Jornal* da mesma associação (n. 5—1876) de onde nos apressamos em trasladal-o para as nossas columnas pelo muito que interessa aos leitores brasileiros. Este discurso, além das informações a que nos referimos accrescenta novos esclarecimentos sobre o commercio da *araroba*, e fornece nos alguns factos interessantes sobre a sua efficacia na therapeutica de algumas affecções cutaneas.

Sr. presidente.—Alguns dos nossos collegas, occupando-se na sessão passada da *araroba*, e das suas applicações therapeuticas, fizeram-me a honra de lembrar-se do meu nome, como de pessoa de quem em Lisboa se poderiam obter mais alguns esclarecimentos sobre o assumpto.

Vou satisfazer os desejos manifestados pelos nossos collegas, porque posso, com effeito, dar á sociedade algumas informações mais circumstanciadas a respeito da *araroba* e dos usos que d'esta substancia se tem feito em medicina. Parte d'estas informações

foram-me fornecidas pelo nosso distincto collega, o Dr. Silva Lima, medico portuguez exercendo a clinica na Bahia, quando, passando para o norte da Europa e na sua volta para o Brazil, esteve em Lisboa no verão do anno passado; a outra parte colhi-as da leitura de algumas publicações nos jornaes de medicina, de pharnacia e de chimica estrangeiros, e de pessoas que têm tido mais ou menos conhecimento d'esta droga.

A *araroba* é, segundo o Dr. Bomfim, professor de botanica na Bahia, uma das maiores arvores intertropicaes que se encontram entre 13 e 15 graus de latitude sul da Bahia de S. Salvador, particularmente nas matas das comarcas de Valença e Camamu, e nas de Sergipe. Cresce a altura de 20 a 25 metros, tendo de circumferencia de 5 a 6 metros. A flor é pequena e roxa, as folhas lanceoladas de 5 a 6 centimetros de comprimento, a casca lisa e verde-escura, o lenho de solida contextura. Pertence á familia das leguminosas, ordem caesalpina.

Os nomes de *araroba* e de *arariba* por que esta arvore é conhecida no Brazil, são de derivação india sul americana e provém de um radical que significa *trigueiro*, nome dado pelos indigenas a uma grande variedade de arvores, algumas das quaes foram descritas por Martius, sem que nenhuma d'ellas corresponda entretanto á que fornece o verdadeiro *pó da araroba*.

É da medulla ou alburno, principalmente, das hastes e dos ramos, que apresenta a apparencia de uma massa semelhante á fecula, que se extrahê a substancia, que se encontra no mercado com o nome de *araroba*, sob a fórma de um pó grosso, ou pedaços de varios tamanhos.

A medulla, quando fresca, é de uma côr amarella clara, tendendo para avermelhada, mas depois de secca torna-se de uma côr amarella muito carregada e escura. N'este estado facilmente se reduz a pó finissimo e muito leve, como o tabaco em pó chamado simonte ou esturriho.

1 As folhas de *araroba* que temos visto, procedentes de varias origens, são compostas, de cerca de dous palmos de comprimento; os folhos tem a configuração dos do *senne* (*cassia-obo-obata*), mas elles recebem maiores dimensões. A descrição scientifica, e a identificação botanica d'esta planta estão ainda por fazer.

A casca, as folhas e a flor da *araroba*, contêm os mesmos principios que o alburno, mas em muito menor quantidade.

A sua acção é nimamente irritante e caustica, e tanto que os operarios que a preparam, a pulverisam e manipulam, cobrem cuidadosamente a cara para evitar os seus nocivos effeitos sobre os olhos, os labios, as fauces e as fossas nasaes.

A *araroba* é conhecida ha seculos no Brazil por *pó da Bahia* e tambem em algumas partes da Europa e na Asia. Na China e no Japão faz-se d'ella grande monopolio, que é causa ali do seu subido preço no commercio.

Similhantermente ao *pau Brazil* tem a *araroba* sido empregada na tinturaria, mas o uso que d'ella se faz, que maior reputação e valor lhe tem dado, é a sua applicação therapeutica contra algumas affecções cutaneas, como são o herpes circular, o chloasma, o intertrigo, os dartros escamosos, a lepra, a psoriasis, a pityriasis, a tinha tonsurante.

Não consta que por ora esta substancia tenha sido empregada internamente.²

Ha muito tempo que na Bahia e em outras provincias do Brazil se faz uso da *araroba* em pó como remedio effcaz anti-herpético, mas, como affirma o Dr. Paterson, o seu emprego foi no principio mais geralmente popular do que profissional.

Os curandeiros e os curiosos foram os primeiros que fizeram a reputação medica d'este medicamento. Ultimamente o Dr. Silva Lima, o mesmo Dr. Paterson e outros medicos, tanto brazileiros como estrangeiros, têm-n'o experimentado contra varias doencas da pelle, quasi sempre com bom exito, depois de algumas vezes terem visto falhar os remedios classicos.

O Dr. Silva Lima conta que, alem de muitos casos de *herpes circular*, em que tem empregado com vantagem o pó da *araroba*, um

² Sabemos que o Sr. Dr. Silva Lima já ensaiou o uso interno de pó de *araroba*, mas os seus effeitos purgativos e irritantes sobre a mucosa gastro intestinal, mesmo em doses de 5 centigrammas, obrigaram-no em dois casos (de hypoemia intertropical) a suspender a medicação. O acetoleo (vinagre) d'*araroba* é bem tolerado quando muito diluido em agua, mas o emprego do medicamento n'esta forma é tão limitado ainda que o nosso collega não ponde chegar a resultados que o habilitem a tirar conclusão alguma dos seus ensaios. As suas vistas eram attacar o *ankylostomo duodenal* que infesta os hypoemicos.

caso rebelde de *mentagra* que tinha resistido a muitas medicações internas e externas, cedêra prompta e completamente á applicação da *araroba*.

O Dr. Palasne de Champeaux, primeiro medico da corveta franceza a vapor *La Place*, fazendo estação na Bahia, obteve do Dr. Silva Lima uma boa porção de *araroba*; refere elle que ensaiando este medicamento em alguns doentes a bordo d'este navio de guerra, e depois em França a bordo do *Inflexible*, navio de instrucção para grumetes, conseguira excellentes resultados, não só contra muitos casos de *herpes circinatus*, mas tambem contra tres de *psoriasis* e um de *pityriasis*.

O Dr. Hillairet, medico do hospital de Saint-Louis, de Paris, a quem o Dr. Silva Lima dera certa quantidade de *araroba*, quando o anno passado ali esteve, á falta de casos de *herpes circular*, em que fizesse as suas primeiras experiencias, applicou-a contra diversos casos de *tinha tonsurante*. O resultado foi magnifico nos primeiros ensaios, e outros iam em bom andamento quando o Dr. Silva Lima se ausentou de Paris no fim de Agosto. O Dr. Hillairet prometteu continuar n'estas experiencias, mormente no outomno e no inverno, estações em que o *herpes circular* e outras analogas affecções de pelle são mais frequentes em Paris, e fazer opportunamente conhecidos da profissão os resultados dos seus ensaios.

Em Londres foi tambem experimentada a *araroba* no S.^t John's Hospital for skin diseases, fornecida pelo Dr. Silva Lima a Mr. Bowden, o qual já participou a este nosso collega que as primeiras experiencias tinham sido seguidas de muito bom exito, proseguindo a observação n'outros casos, que já apresentaram melhoras sensiveis.

Em Lisboa consta-me que por ora apenas a têm empregado tres facultativos, todos membros d'esta sociedade.

O Sr. Dr. Ferraz de Macedo, servindo-se de um pouco de pó de *araroba* que lhe forneci, contra um caso de *herpes circinatus*, viu coroada a sua applicação dos melhores resultados.

O Sr. Dr. Gaspar Gomes não foi tão feliz com os seus primeiros ensaios, talvez por ser diminuta a porção de remedio que lhe pude dar, e não poder por isso insistir no tratamento encetado com este medicamento.

Pela minha parte o exito correspondeu á expectativa e á recommendação que se me tinha feito d'esta substancia. Uma senhora que soffria de um *herpes circular*, contra o qual já tinha aconselhado sem resultado varios remedios que n'estes casos costumam aproveitar, em tres dias se restabeleceu com o uso da pomada de *araroba* convenientemente applicada. As vesiculas seccaram promptamente, as crostas caíram todas, sendo de erer que os *trichophytas* fossem inteiramente destruidos.

Outro ensaio me propunha fazer em um caso de *tinha tonsurante*, que estava na minha enfermaria, quando os meus citados collegas me pediram o resto de pó de *araroba* que então possuia. Reservei-me para mais tarde repetir analogos ensaios em maior escala, quando recebesse maior quantidade do medicamento, que ja tinha solicitado do nosso bom collega Dr. Silva Lima.

Tenho a honra de apresentar á sociedade o esperado pó de *araroba* e de offerecer aos collegas que presentes estão, algumas porções d'este remedio para que possam fazer as suas experiencias, pedindo-lhes desde já o favor de communicar-nos os resultados dos seus ensaios e observações.

Permittam-me os meus collegas que lhes diga como este remedio tem sido applicado no Brazil, e por alguns medicos estrangeiros.

A *araroba* tem-se empregado em pó, em pomada, ou misturado com vinagre forte, com sumo de limão ou com aguardente, formando uma especie de opiata semi-liquida.

Talvez se pudesse usar tambem encorporada em mel ou em glicerina, ou então junta com o carvão em pó, ou fuligem bem lavada, como é composto o chamado pó *Baia*, o qual, como logo provarei, não é mais do que o pó da *araroba* sophisticado por diferentes modos.

Para fazer a applicação do remedio, pode seguir-se de tres methodos um.

1.º O methodo chamado brasileiro, consiste em esfregar primeiro a parte doente em que se quer fazer a applicação do remedio, com uma esponja fina molhada em vinagre forte; depois emprega-se o remedio em pomada ou em opiata. No dia seguinte lava-se com tina ligeira solução de sabão em agua morna, repetindo-se a applicação do remedio até á cura.

2.º O methodo annamita reduz-se a fazer uma fricção com vinagre bem forte, em seguimento á qual se polvilham as partes friccionadas com o pó de araroba por meio de uma borla de algodão cardado; lavagem com sabão e agua morna no dia seguinte, e renovação do medicamento empregado até completa cura.

3.º O methodo mixto, quando se emprega o pó de araroba misturado com o pó de carvão ou a fuligem bem lavada, seguindo no resto a pratica de algum dos methodos anteriores.

Estes differentes trabalhos, que demandam certo cuidado e attenção, devem ser confiados a pessoa competente, ou então serem feitos pelo proprio facultativo que os prescreve.

Teuho agora dito, Sr. presidente, qual é a procedencia do pó da araroba, quaes os seus usos e os seus modos de applicação. Restame agora demonstrar á sociedade que este pó é identico ao celebre pó de Goa tão empregado na India, principalmente na ingleza, onde tambem é conhecido com o nome de *poh-di-Bahia*, ou *poh-Baia*, e ainda provar que os pós indianos não são outra coisa mais do que a sophisticação do pó brasileiro, adrede feita para lhe esconder a verdadeira origem, e permittir que seja vendido por alto preço, como remedio de composição particular, em Calcutá, Bombaim, Saigon, Singapor e outras partes da India.

O Dr. J. Fayrer, n'um artigo publicado no *Medical Times*, (*Indian ringworm and its treatment by Goa powder*), referindo-se ao tratamento de algumas affecções cutaneas feito na India, nomeadamente ao do *herpes circinatus*, do *chloasma* e do *intertrigo*, diz que não achou medicamento, cuja acção anti-herpetica fosse mais rapida e efficaç do que um remedio secreto denominado pó de Goa, que elle julga ser producção vegetal, e que se vende em Calcutá e Bombaim por alto preço, em pequenós frascos. Diz mais que outro remedio se vende na India, não menos efficaç n'aquellas doenças, com o nome de *po-di-Bahia*, designação que lhe parece ser de origem malaia.

O testemunho de Kemp, citado pelo Dr. Fayrer, dá como principal procedencia do pó de Goa a costa de Africa, ao norte de Moçambique, e o Dr. Hanbury declara que a composição e o lugar onde é fabricado este pó são ainda um segredo.

Apasar d'estas suppostas procedencias do pó de Goa e do véu com que os interessados no commercio d'este pó na India pretendiam

encobrir a sua composição, já o Dr. Silva Lima suspeitava em 1872 que este remedio indiano não era mais do que a *araroba* bahiana, mais ou menos disfarçada com outros pós corantes ou inertes.

A razão d'esta suspeita do Dr. Silva Lima foi o dizer-lhe o Dr. Palasne de Champeaux, quando esteve na Bahia, como em Saigon e Singapor se tratavam os casos de *herpes circinatus* com o pó que ali denominavam *Poh Baiá*; e verificando ambos que a applicação do pó de *araroba*, usado na Bahia produzia identicos efeitos nas mesmas molestias de pelle, e que até a sua applicação era igual, tiveram ambos a idéa da muito provavel identidade dos dois remedios.

Além d'isto, o Dr. Silva Lima sabia que havia algumas dezenas de annos, uma antiga e respeitavel casa commercial de drogas na Bahia, satisfazia avultados pedidos de *araroba* com destino a Portugal, e ultimamente para Inglaterra.

Por outra parte sabia tambem que a *araroba* não era familiar com este nome aos clinicos portuguezes, e que por isso a que vinha para Portugal era muito provavel que fosse re-exportada para as suas colonias da Africa e da Asia sob o nome de *pó da Bahia*, logar da sua procedencia.

Esta probabilidade augmentava ainda por dizer o Dr. Fayerer, citando Kemp, que do norte de Moçambique é exportada para a India a *urzella* (lichen *orcella*), e que parece ser este producto a mais provavel origem do *pó de Goa*.

Mas como tudo levava a suppor que a *araroba* que vem da Bahia para Portugal passava depois para Goa, era provavel tambem que esta possessão portugueza lhe tivesse dado o seu nome.

Assim os nomes de *pó da Bahia*, *pó de Goa*, *po-di-Bahia*, segundo o Dr. Fayerer, *Poh-Baiá*, segundo o Dr. Champeaux, poderiam designar o mesmo producto original, mais eu menos modificado na India pelas manipulações pharmaceuticas, provindo-lhe de uma provincia brasileira o nome, e não de origem malaia como supõe o Dr. Fayerer.

Para corroborar esta opinião refere o Dr. Champeaux que o fornecedor do hospital de Saigon, respondendo com evasivas ás interrogações que elle lhe fizera relativas á natureza e procedencia do

poh-Baia, confessara entretanto que este não era indigena da India, mas que vinha da America.

Estas suspeitas do Dr. Silva Lima sobre a identidade do *pó de Goa* e da *araroba*, são ainda fundadas no resultado das indagações que fiz a respeito da provavel viagem que esta substancia fazia da Bahia para Portugal e d'aqui para a India.

Estas minhas indagações fizeram-me conhecer que a *araroba* desde muito tempo vinha do Brazil para Portugal, não com este nome, mas com o de *poh para seccar impigens*, e que com esta mesma denominação era pedida de Goa, ou com o nome de *pó do Brazil*.

Ainda vivia em 1840 um droguista, á Esperança, chamado Manuel de Sant'Anna da Cunha Castello Branco, que vendia com mysterio um pó vindo do Brazil, muito recommendavel para seccar impigens, accnsehando elle aos doentes que iam cumpral-o que o applicassem desfeito em saliva.

Um caixeiro chamado Farinha, que foi depois para a drogaria dos Srs. Antonio Feliciano Alves de Azevedo, Filhos, revelou a estes senhores que o dito pó mysterioso vendido á Esperança vinha da Bahia com o nome de pó do Brazil.

D'esta droga com o nome de *pó para impigens* têm es Srs. Azevedos feito muitas remessas para Goa, d'onde têm vindo pedidos em ponto grande.

As tão bem fundadas suspeitas do Dr. Silva Lima, de que a *araroba* da Bahia era a mesma cousa que o famoso *pó de Goa* de Calcutá e Bombaim, *póh di Bahia*, ou *póh Baiá*, de Saigon e Singapor, tornaram-se em certeza depois que esteve o anno passado em Paris e recorreu á aucteridade do Dr. Gubler para verificar se o *pó brasileiro* era ou não a mesma cousa que o *pó indiano*.

O Dr. Gubler prestou-se com a melhor vontade a analyzar estes dois agentes therapeuticos, examinando-os chimica e microscopicamente, e do confronto das duas analyses resultou affirmar elle que as duas substancias designadas com o nome de *pó de Goa* e *araroba da Bahia*, são perfeitamente identicas.

O illustre pharmacologista prometteu fazer um trabalho interessante e completo ácerca d'este exame comparativo dos dois pós, e publical-o no *Journal de pharmacie et de chimie*.

Para conhecer a composição chimica do *pó de Goa* já o professor

Attfield tinha feito alguns ensaios, dos quaes se seguiu saber-se que este pó contem *acido crysophanico* na proporção de 80 a 84 por cento; alem de alguns principios amargos, saccharinos e resinosos, suppondo por isso o professor Kemp que as propriedades parasiticidas do *pó de Goa* eram principalmente devidas á presenca d'este acido em tão grande proporção.

Este resultado da analyse chimica do *pó de Goa* foi tambem encontrado pelo Dr. Gubler, o qual pensava então que este pó não era a medulla pulverisada de uma arvore, porque não achou ao microscopio elemento algum de tecido utricular; mas hoje que elle verificou a *perfeita identidade* entre o *pó de Goa* e a *araroba* da Bahia, e sabendo-se de sciencia certa que esta ultima substancia é a medulla ou alborno de uma arvore que tem este nome no Brazil, é de esperar que tenha modificado a sua opinião n'esta parte.

O Dr. Gubler tambem era da opinião que o *pó de Goa* provinha antes de uma arvore da tribu das *cassiaceas*, muito ricas em acido *crysophanico*, fundando-se em que o *pó da cassia alata* é, no dizer de Ozanam e do Dr. Heckel, de Montpellier, empregado tambem n'outras regiões do oriente contra as doenças cutanes parasitarias.

A verificação chimica e microscopica que elle ultimamente fez da identidade de composição entre o *pó de Goa* e a *araroba*, e a demonstração do Dr. Bomfim, professor de botanica da Bahia, de que esta pertence á familia das *leguminosas*, ordem *cæsalpina*, terão de certo dado logar tambem á rectificação d'esta sua opinião.

Eis, Sr. presidente, quanto por ora se me offerece dizer á sociedade acerca da *araroba*.

O nosso collega Dr. Silva Lima ha algum tempo que se occupa em reunir elementos para um trabalho mais desenvolvido sobre a *araroba* e sobre a sua efficacia nas affecções cutaneas, trabalho que demanda tempo e estudos praticos aturados.

Estamos, entretanto, authorisados a dar conhecimento aos nossos leitores, a quem este assumpto possa interessar, do modo por elle adoptado para a applicação topica da *araroba*.

Os tres methodos mencionados pelo Sr. Dr. Cunha Vianna são, além de asperos, e incommodos na applicação do medicamento, pouco scientificos, em nenhum d'elles se pode bem graduar a acti-

vidade da araroba, cujas propriedades altamente irritantes e causticas não são, aliás, essenciaes para a cura, particularmente nas dermatoses parasitarias.

Estes inconvenientes ficam removidos empregando-se, em vez de pó estreme, ou de mistura com outros pós inertes, a pomada, o acetoleo, e o glyceroleo d'araroba.

A pomada por elle empregada varia de força conforme os casos, e consta de:

Araroba em pó fino.....	2 a 4 grammas
Acido acetico.....	1 a 2 „
Banha balsamica.....	30 „

M.

A banha balsamica pode ser substituida pelo glycerato d'amido.

O acetoleo ou vinagre d'araroba pode ser applicado ou puro, ou de mistura com a glicerina em partes eguaes, ou em menor ou maior quantidade d'esta ultima substancia, conforme a força que se quizer dar ao preparado.

Em qualquer d'estas formas o medicamento deve ser applicado com um pincel fino de cabello, lavada previamente a pelle com sabão simples ou phenicado.

São estas as formulas que o nosso collega tem pôsto em uso, e que a experienciã de outros observadores modificarã conforme os casos, e a especie de molestias a que extender o emprego de um medicamento ainda novo na therapeutica scientifica.

Como o Sr. Dr. Cunha Vianna, pedimos tambem aos nossos collegas o favor de fazerem publicos os resultados de seus ensaios e observações, e ainda com maioria de razão, porque vae n'isso o interesse da nossa materia medica nacional.